



4283 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

#### A MEDIAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE ALUNOS PRODUTORES DE TEXTO

Erica Patrícia Marques de Araújo - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Joelma Reis Correia - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Rosiara Costa Soares - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo investigar o processo de mediação de uma professora para o desenvolvimento da escrita dos alunos em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental e suas implicações para a formação de produtores de textos. Para tanto, estamos desenvolvendo uma pesquisa em uma escola da rede pública municipal de Bacabeira – MA, sendo sujeito da pesquisa a professora da referida turma. Utilizou-se como instrumento de geração de dados a observação participante. Os estudos de Vygotsky (1995), Antunes (2003), Mello (2003), Cagliari (2009), Geraldi (2015), Volochinov (2017), entre outros, contribuíram para a fundamentação e análise dos dados. Os resultados mostram uma compreensão deturpada do uso da escrita, o que funciona como grande entrave ao desenvolvimento do processo de escrita das crianças, logo o papel mediador da professora não ocorre, prejudicando a formação de produtores de textos.

**PALAVRAS- CHAVES:** Escrita. Mediação. Produção de Texto.

#### INTRODUÇÃO

Embora, nas últimas décadas, vários estudiosos (GERALDI, 2015; CAGLIARI, 2009; ANTUNES, 2003) tenham discutido sobre o processo de escrita de textos, o referido assunto continua sendo alvo de debates no meio acadêmico e educacional, pois, resultados de provas nacionais, como o SAEB (2017) alardeia que grande parte dos alunos conclui o Ensino Fundamental sem se apropriar efetivamente da escrita, competência necessária para sua plena participação na sociedade.

As variáveis que compõem o quadro educacional brasileiro da atualidade são complexas e desalentadoras, já que envolvem questões, inclusive de ordem política, que interferem na qualidade da educação e, não raro, são desconsideradas em resultados de provas nacionais. No entanto, como objeto cultural, entendemos que, no processo de escolarização, a escrita deve ser ensinada intencionalmente, ou seja, a criança, por meio da mediação do professor, aprende a reproduzir para si todas as habilidades que abrangem essa atividade, que se tornam mais complexas de acordo as demandas de cada sociedade. Dessa forma, escrever não significa simplesmente tomar nas mãos papel e lápis para codificação das ideias. Supõe, na verdade, um processo de preparação que ganha coerência na medida em que as crianças compreendem a função social da escrita.

Nesse processo, um aspecto importante a ser considerado é o professor como mediador do conhecimento. Em geral, são das relações estabelecidas em sala de aula e das decisões tomadas por esse profissional, responsável em coordenar o processo ensino e aprendizagem, que resultados significativos podem ocorrer no processo de escrita das crianças ou tornar-se apenas um objeto para fins escolares, na qual o que conta é a mera tarefa de realizá-la. É neste sentido que este artigo tem por objetivo investigar o processo de mediação de uma professora para o desenvolvimento da escrita dos alunos em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental e suas implicações para a formação de produtores de textos.

Para realização desse estudo, que ainda se encontra em fase de andamento, adotamos como instrumento de geração de dados a observação participante, cujo sujeito da pesquisa é a professora do referido ano. Os fundamentos teóricos do trabalho estão apoiados nos estudos de Antunes (2003), Cagliari (2009), Geraldi (2015), Jolibert; Jacob (2006), Mello (2003), Volóchinov (2017), Vygotsky (1995), entre outros, pois consideramos não ser possível trabalhar o ensino da escrita nos dias atuais sem estabelecer um diálogo com esses interlocutores.

Como forma de atingir o objetivo proposto, organizamos a exposição em dois momentos. No primeiro, situamos algumas reflexões sobre a mediação e o processo de escrita. No segundo, adentramos especificamente nas discussões acerca da pesquisa realizada.

#### A MEDIAÇÃO E O PROCESSO DE ESCRITA

É da interação com o mundo e com os parceiros mais experientes que as crianças estabelecem o seu processo de desenvolvimento sobre as possibilidades de compreender o seu entorno. Nesse viés, a origem das transformações que acontecem na criança, ao longo do seu percurso formativo, está na sociedade, na cultura e na sua história. Logo, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças estão naturalmente relacionados desde o nascimento, das interações com o meio, elas aprendem observando, experimentando e imitando as ações partilhadas pelo outro, integrando-se, assim, ativamente, as formas de atividade consolidadas de sua cultura. (VYGOTSKY, 1995).

No que se refere ao ensino escolar, cujo processo é intencional, uma vez que tem a intenção explícita de ensinar, a ação do educador é de grande relevância, pois sua tarefa “[...] é mediar, para as novas gerações, o acesso à cultura e, com isso, a possibilidade de reprodução, em cada criança, das aptidões humanas que são produzidas pelo conjunto dos homens e que, sem a transmissão da cultura, não aconteceria”. (MELLO, 2003, p.32). Portanto, a mediação está relacionada ao processo de transmissão da cultura por um parceiro mais experiente, o qual deve possibilitar a quem se apropria desta cultura compreendê-la e reproduzi-la com o fim para o qual foi criada.

De acordo com Fontana (2000, p.22), para as crianças “essa relação de mediação também é explícita. Ela tem uma imagem, socialmente estabelecida, do papel do professor e do papel que é esperado dela nesse contexto: realizar as atividades propostas, seguindo as indicações e explicações dadas”. No entanto, no cotidiano da sala de aula, muitos professores que trabalham nos anos iniciais da escolarização se sentem desafiados no processo de alfabetização, pois “Como possibilitar a inserção das crianças que não chegam à escola familiarizadas com as práticas de leitura e escrita. Como ‘tornar’ a escrita parte da vida dessas crianças?” (GOULART; SOUSA, 2015, p.46).

Assim como qualquer tipo de conhecimento, a apropriação da linguagem escrita pela criança requisita à intencionalidade de um trabalho sistemático que valorize o seu uso social a partir de propostas de ensino significativas para as crianças. Embora o saber espontâneo infantil elabore aproximações em relação à escrita e à leitura, tal conhecimento não é suficiente para as crianças interagirem com o outro, já que se trata de um objeto cultural que, segundo Colello (2014, p.177), “só pode ser apreendido pelos processos reflexivos e cognitivos do sujeito mediados pelos professores (ou interlocutores experientes), no contexto de situações comunicativas e práticas sociais”.

A escrita, como uma das modalidades de uso da língua, existe para cumprir vínculos comunicativos com o outro, bem como, favorecer uma mudança na vida cultural das pessoas. Quando escrevemos, na verdade, escrevemos para alguém, com quem interagimos na intenção de compartilhar uma mensagem, ideia ou informação. Mesmo sem o interlocutor durante as etapas que constituem a elaboração do dizer, é imprescindível que este sirva como parâmetro das decisões que serão tomadas pelo autor do texto, pois se trata de uma atividade que envolve parceria, para que haja a comunhão das ideias. (ANTUNES, 2003).

Nesse ponto, é interessante reproduzirmos as palavras de Volóchinov (2017, p.171), que afirma:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela se constitui justamente o produto da interlocução do locutor e do ouvinte [...]. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Ao postular que o enunciador divide necessariamente o momento de escrita com o outro, a partir de uma determinada intenção, e com isso, espera do interlocutor uma atitude responsiva, Volóchinov (2017) defende a concepção de língua como lugar de interação, sublinhando o caráter ativo dos sujeitos. Nessa dimensão, a escrita, como uma das formas de interlocução humana, está condicionada por relações dialógicas na esfera social. Assim sendo, como é próprio das situações de ensino e aprendizagem, a mediação do professor deve possibilitar um trabalho com a escrita como atividade interativa de expressão.

## **O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA PROFESSORA**

A ideia de que a escrita se constitui como uma atividade complexa que mobiliza uma mudança na posição docente, de leitor/corretor para o papel de mediador na elaboração do dizer, nos conduz a refletir sobre o ensino do processo de escrita no contexto escolar.

Diante disso, como situamos na Introdução deste artigo, nosso objetivo é investigar o processo de mediação de uma professora para o desenvolvimento da escrita dos alunos em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental e suas implicações para a formação de produtores de textos. Para realização do estudo, escolhemos uma escola da rede pública municipal de Bacabeira- MA, em decorrência de um trabalho de Coordenação Pedagógica já desenvolvido no município. O sujeito da pesquisa constitui-se pela professora do terceiro ano, que se dispôs a participar como colaboradora, possibilitando-nos elucidar a indagação a seguir: Como a mediação da professora tem contribuído para formação de alunos produtores de texto?

Para gerar os dados iniciais, recorreremos à observação participante, visto que seu uso viabiliza a nossa inserção como pesquisadoras no interior da situação estudada, permitindo-nos interagir com os sujeitos da pesquisa em um contato próximo.

Na sala de aula do 3º ano, lócus do nosso estudo, observamos que a ação da professora no que se refere ao processo de escrita se resume as constantes realizações de cópias e ditados pelos alunos, cuja finalidade é levá-los a memorização de regras ortográficas na tentativa de fazê-las escrever, de acordo com a norma padrão da língua. Essas atividades são trabalhadas sem qualquer vinculação com as experiências de vida e linguagem das crianças. O ensino centra-se na exposição de palavras e/ou frases isoladas e os alunos assumem o papel de recipiente de informações, copiando-as no caderno, sem qualquer reflexão ou compreensão da função social da escrita.

Nesse caso, não há mediação, uma vez que “para se apropriar das aptidões, capacidades e habilidades cristalizadas nos objetos, a criança precisa reproduzir com o objeto a atividade para a qual o objeto foi criado.” (MELLO, 2003, p.30). Ao contrário, na situação evidenciada as atividades tornam-se “estéril e estática, porque é baseada na repetição, reprodução, na manutenção do status quo. Funciona como um empecilho, um bloqueio à transformação e à elaboração do conhecimento crítico”. (SMOLKA, 2012, p.65).

No que se refere mais especificamente ao trabalho com a produção de textos, são inexistentes no cotidiano escolar. Geralmente, a professora trabalha com os textos do próprio livro didático e, em sequência, os exercícios de compreensão e interpretação textual, seguindo exatamente o que propõe o manual didático. “Como o operário, ela também não encontra espaços para manifestar sua criatividade.” (GARCIA, 2003, p.59). A sua forma de ensinar revela a presença de ideias subjacentes à tarefa de ensinar que desconsideram o processo de interlocução das crianças, as demandas e as atuais condições destas fora da escola, e, por isso mesmo, devem ser repensadas.

Sobre esse assunto, Jolibert e Jacob (2006) ressaltam que escrever é elaborar mensagens reais, isto é, com intencionalidade e interlocutores, a quem todo texto deve adequar-se. Para isso, faz-se necessário a mobilização de recursos linguísticos que possibilitem “enfrentar um tema, definir um projeto de dizer no interior deste tema, selecionar um gênero discursivo e transacionar com o estilo próprio do gênero, o estilo próprio do autor e o estilo suposto adequado para os interlocutores”, conforme nos explica Geraldi (2010, p.67). Mas, o funcionamento desses recursos está condicionado a um processo de preparação que abrange o convívio com universo da escrita, a leitura de textos autênticos e a prática da discussão, elementos fundamentais na formação do sujeito escritor.

Dessa forma, é fundamental a orientação do professor em todo processo e sua intervenção. O ideal é que o professor, em seu papel de mediador crie, com as crianças, atividades de produção escrita vinculadas de sentido e integradas de experiências, para que elas organizem seu processo de elaboração mental. Só assim, será possível garantir que o ensino da escrita na escola “se apresentará, não como hábitos de mãos e dedos, mas como uma forma de linguagem nova e complexa.” (VYGOTSKY, 1995, p.144, tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, percebemos uma compreensão deturpada da função social da escrita e seu uso, o que funciona como grande entrave ao desenvolvimento do processo de escrita das crianças. A forma de ensinar da professora desconsidera a interferência das crianças na construção de uma escrita socialmente relevante. A cópia e o ditado, frequentemente utilizados, o trabalho com os textos do livro didático, os exercícios de compreensão e interpretação textual são atividades que exercitam aspectos não importantes da língua, tornado o processo de escrita vazio de sentido, ou seja, sem responder a um contexto social específico.

Nessa perspectiva, percebemos que o ensino desenvolvido na sala de aula pesquisada, não tem contribuído para o desenvolvimento da escrita das crianças, logo não possibilita a formação de alunos produtores de textos, pois as propostas de ensino se restringem a reações mecânicas que não propiciam a reflexão do objeto, bem como, experiências carregadas de sentido. O trabalho conduz à inibição do processo dialógico entre a professora, as crianças e o objeto, em vez de permitir a construção de escritas de textos socialmente relevantes, tem um efeito contrário de deturpar o sentido dessa atividade como interativa de expressão, o que dificulta a formação de produtores de texto.

Finalizamos, defendendo a necessidade do processo de escrita ser uma atividade interativa que supõe parceria e envolvimento entre os sujeitos, especialmente professor e alunos, para que ocorra a manifestação das ideias, intenções ou o que almejamos compartilhar com o outro. Assim sendo, requer do professor reflexões constantes para organizar e mediar situações de aprendizagem que atendam às necessidades das crianças para se comunicarem por escrito.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLELLO, S.M.G. **Sentidos da alfabetização nas práticas educativas**. In: MORTATTI, M.R. L.; FRADE, I.C.A.S. **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** São Paulo: UNESP, 2014.

FONTANA, R. A. C. **Mediação Pedagógica na sala de aula**. São Paulo: Autores associados, 2000.

GARCIA, L. R. **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GOULART, C. M.A *et al.* **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. São Paulo: Papirus, 2015.

JOLIBERT, J.; JACOB, J. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MELLO, Suely Amaral. Uma reflexão sobre o conceito de mediação no processo educativo. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, 2003, v.6 n. 12, p. 29-48.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo**. 13.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas- III: problemas del desarrollo de la psique**. v.3 Madrid: Visor, 1995.